

8001

GOIVOS E SAUBADES

GOIVOS E SAUDADES
OU
LYRICOS GEMIDOS
SOBRE A SEPULTURA
DO
HOMEM DA CHARIDADE

POESIAS CONSAGRADAS A' MEMORIA DO PROVIDOR
DA SANTA CAZA DA MIZERICORDIA DO RIO
DE JANEIRO, O SENADOR DO IMPERIO,
E CONSELHEIRO DE ESTADO

JOZE CLEMENTE PEREIRA
E
OFFERECIDAS

AO INSTITUTO HISTORICO
E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO



RIO DE JANEIRO

Typ. do theatro S. Pedro d'Alcantara de M. G. S. Rego,
Praça da Constituição n. 39.

1854.

GOIVOS E SAUDADES
OU
LYRICOS GEMIDOS
SOBRE A SEPULTURA
DO
HOMEM DA CHARIDADE

I

Essa fronte (dos homêns) respeitada
Agora a traga o pò:
Do valente, do bom, do nosso amigo,
Restam memórias só;
Mas estas entre nós como a saudade
Perennes viviráõ.
Em quanto a voz da "patria e liberdade
Ancejar o coração.

(A. Herculano.)

Já no triste campanario o bronze sôa !...
E o echo gemebundo já desperto,
Atristado recorda a phrase horrivel
Que em cada coração repete — morte !
Lá vai o povo em dó ! Os olhos baixos !
E a dor no coração, como a saudade
Imiga a penetrar as fibras d'alma !

Pezada a artilheria atrôa os arcs,
 E os ares abalados gemem tristes!
 Dos olhos se descambam pelas faces
 O pranto do pezar! A natureza
 Parece adormecida ao som funesto
 Das aves agoureiras suspirando
 Nas altas penedias, e nas torres!
 Longinquo, mais alem, nas escarpadas
 Rochas solitarias, se arremessam
 As ondas amargosas! Pouco a pouco
 Perdem negro furor. . na praia amiga
 Gemendo vão morrer... conio a esperança,
 Que um dia já perdida, em balde busca,
 Alentar-se outra vez! E' morte tudo!

Busquemos pois nos prados mortuarios
 Entre verdes chorões, tristes cyprestes,
 Os goivos sepulchraes, e as sentidas
 Merencorias saudades! Sobre a campa
 A lyra engrinaldemos, e chorosos
 Cantemos solitario à meia noite
 Na hora do silencio, quando a brisa
 Vem gemer infeliz entre os rozaes
 Que da morte plantára a mão myrrhada
 Dos jazigos em torno: qual adornos
 Em cadaver de noiva inda querida
 Per mãos d'esposo que a adornou chorando!

Morte! somno! descanso! paz eterna!
 Eis aqui junto a mim! Sempre silencio,
 Dormir constante que debalde espera,
 Amigo despertar! Sonhos da morte
 Que de horriveis palor nas faces volvem,

E torpor imutavel só ministram!
 Eis aqui um finado... si elle souha,
 Nessa pallida fronte não transpira
 Do eterno sonhar um pensamento!
 Fria estatua de jaspe sobre a campa
 Parece, e abandonada entre cyprestes
 Qual reliquia de amor entre saudades.
 A minha lyra em balde um som amigo
 Espalha delirante envolta em crepe
 Que d'úm povo o pezar no mundo attesta!
 Estatua, sempre estatua... eis o finado!
 Soprasseis melodias socrosanctas
 Em frauta sonora, o que valera?
 Sempre o mesmo torpor, sempre o silencio!
 Eis o tudo de um nada, um todo ainda!
 O que val, o que é a melodia
 P'ra o cadaver ja frio, indifferente?
 E' o echo a roçar-lhe nos ouvidos,
 E' a brisa a brincar-lhe nos cabellos,
 E' um beijo de amor no marmor frio,
 Uma rosa gentil no chão da morte!

Gerações do porvir! Um dia vinde
 Uma lagrima verter aqui chorosas,
 Sobre este jasigo onde descança
 Aquélle que clemente foi no mundo
 E clemente no nome, e nas accões,
 Da clemencia deixou ingentes provas!
 Vinde a' esta terra então ja velha,
 Como o lindo renovo em tronco annoso,
 Mirar-vos no passado! Impresso ainda
 Sobre a lapida fria do sepulchro
 Vereis o nosso pranto, e os indeleveis

Signaes da viva dor, e da saudade
 Que ferio desabrida um povo todo !
 Da vida compulsai o grande livro,
 E nas paginas d'aquelle que choramos
 Lêde os feitos sublimes, e as historias.
 Do fido coração do fido amigo
 Do ingente Brasil que adorou tanto !
 Volvei os olhos: vede então a lapida,
 Onde a mão d'amizade em letras d'ouro
 Um nome eternizou por elle eterno,
 Em cada acção da vida, em cada feito
 Que d'um'alma d'Heroe é sempre dino !
 No marmor lendo então JOSÉ CLEMENTE,
 Curvai-vos ante o nome, e suspirando
 Uma lagrima vertei, e compungidos
 Respeitai o lugar,—deixai o morto !

Meigas virgens! Donzellas lacrimosas,
 Vinde, vinde em silencio quando triste,
 A lua dardejar uns raios frouxos
 Sobre o frio sepulchro, e sobre as ondas
 P'ra constantes gemer aqui postadas!
 Dispersos os cabellos, e chorasas,
 D'alvos lindos roupões, os pés descalços,
 Os niveos braços nus, os meigos olhos
 Merencorios á Deos ternos volvidos;
 Sobre a fronte virginea, inda viçosas
 Capellas de saudades, e pendidos
 Das cinturas gentis negros rozarios
 Austeros terminando em bentas cruces;
 As vozes por soluços alteradas,
 Com meigos brandos gestos, vinde todas
 Assentar-vos em torno do funereo

Jazigo sepulchral, onde a saudade
 Desfeita em pranto geme solitaria !
 Saudosas contemplai o monumento
 Da mais pungente dor ! Chorasas todas
 Do morto interrogai a charidade
 Que de vossas desditas condoeu-se,
 Perguntai-lhe onde a mão que bemfazeja
 Salvou-vos d'orphandade, e carinhoso
 Foi o pai mais fiel, e o mais amante
 Amigo, e protector, e certo arrimo ?

Dai tregoa a saudade : unindo as vozes
 Entoai dos finados as canções;
 E nas harpas dos anjos dedilhando,
 Cantai á meia noite, quando apenas,
 Uma estrella perdida no horisonte
 Oscular merencoria o ceo brilhante !
 Cantai, virgens gentis, um canto amigo,
 Que a brisa surpr'endida, amante e triste,
 De ouvir-vos s'enterneça, e suspirando,
 Vá depois carinhosa entre mysterios
 Cantal-o ás meigas flores dos jazigos!
 E gemendo de dor, d'amor, de penas,
 Esconder-se se vá p'ra todo o sempre
 Nas franças verdes tristes dos cyprestes!
 E deixai suspirando, oh! lindas virgens,
 Um adeos de saudade ao quedo amigo
 Que p'ra sempre o perdeste em somno eterno!!



II

Entre hossanas de júbilo a fama tua
Não morreu — inda dura !

Dos teus feitos sôa a voz eterna
No Ceu, na terra e ar !

Olhaste para Deus, marcaste um dia
E para o Ceu subiste !..

(José B. de Andrada e Silva,)

E lá chorão tristes orphãs
Que perderam pai querido ,
Que jamais na Santa Casa
Será seu nome esquecido !

E lá chora um povo inteiro
P'ra quem era idolatrado ,
Esse homem necessario
No trabalho abalisado.

Era um genio creador
Para os pobres trabalhou ,
E padrões de sua gloria
Por toda a parte deixou !

Aqui um grande Hospital
Faz seu nome recordado ,
E tudo attesta o Heroe
Nesta vida sublimado !

Vêde o grande monumento
Levantado á charidade ,
Asylo p'ra os desvallidos
Na cruenta enfermidade !

O misero, consolo, allivio
Acha ali ao padecer :
E' a — CLEMENTE PEREIRA
Que deve o assim viver !

P'ra mittigar as dores
No leito da enfermidade ,
Tem junto a si — incansaveis
As irmans da charidade !

E a quem se deve tal graça
De tão sublime primôr ?
Ao Heróe da Santa Casa,
Seu constante Provedor !

Ao homem que trabalhou
P'ra grandes obras deixar,
E assim seu nome pio
Entre nós perpetuar !

Lá ao longe, agigantado,
Sobre as ondas a se mirar,
Vêde o palacio ingente
P'ra a loucura exterminar.

E' do homem piedoso
O seu mais nobre brasão,
Deu asylo o mais decente
Ao infeliz sem rasão ! !

Ainda outro edificio
Deve a elle a criação ;
E' a casa dos Expostos,
A melhor recordação !

Ali se educam orphãs
Desvallidas, indigentes ;
Que ser o homem dos pobres
Foi gloria de José' Clemente ! !

E o povo sentido chora
Por grande calamidade!
Fugio do mundo p'ra sempre
O HEROE DA CHÁRIDADE !...

Nictheroy se enluta toda
Para grato pranto verter,
Que de seu ex-juiz de fora
Jamais se pôde esquecer !

Seu progresso glorioso
De florescente cidade,
Deveu a JOSE' CLEMENTE
O HOMEM DA CHARIDADE !!

E como póde o Brasil
Sem ferros — independente,
Esquecer-se um só momento
Do *heroe* JOSE' CLEMENTE ? !

De Janeiro o nono dia
Desse — FICO — memorado,
E' um seu padrão de gloria
Por nós todos recordado

Chora pois o povo inteiro
Desta mui leal cidade,
A falta tão lamentavel
DO HOMEM DA CHARIDADE ! !



III

Nasceu como uma aurora apaixonada
Ao som dos hymnos matinaes das aves,
Rutilou como o sol ao meio-dia,
Cahio como crepusculo sombrio!

(*Magalhães.*)

Sarcophago cruel ! Terror m'incutes
N'alma temerosa !
Na vida, como image inda funesta
Da morte despiedosa !

Eis a aurora a nascer : nas broncas selvas
A vida á festejar !
Eis a aurora a gemer : na Côrte em lucto
A morte a prantear !

Em tristonho vozeio as harpas ferem
O ar em som de morte !
São as ondas gemendo nos rochedos,
Pezares em dôr forte !

Eis ali um cadaver veneravel
Na campa respeitada :
E' pharol que brilhou , é facho extincto,
Alampada apagada !

E' pagina brilhante desprendida
Do livro dos viventes ;
E' a folha pêrdida onde estudaram
As almas innocentes !

E' lyrio transformado em triste goivo,
Um brilhante em saphira ;
E' a corda sencivel da virtude
Quebrada em triste lyra !

Na vida qual Santelmo bemfazejo
Foi ente caridoso ;
Foi norte que guiou á porto amigo
A todo o virtuoso !

Foi a estrella fulgente, e a esperanza
Do ser mais desgraçado ;
Foi vassallo fiel, e d'amizade
Modello sublimado.

Nasceu como a manhã, em Céu doirado
De nuvens alvacentas :
Morreu como o cahir da fria tarde
Em nuvens pardacentas !

No mundo elle habitou como a virtude
Habita um peito honrado ;
Foi a gloria d'um povo, e do Janeiro
O astro idolatrado.

E nas aras da dôr, por elle soffrem
Saudade — os corações ;
E delle se recordam lacrimosas,
Duas grandes Nações.

E seu nome, memoram seus amigos
E o povo piamente :
E nas paginas s'escreve dos Heróes
Tambem—JOSE' CLEMENTE !

Era a vida da vida dos amigos,
O pai da orphandade,
Era aquelle que o povo appellidára
HOMEM DA CHARIDADE.

E nasceu como nasce amiga aurora
Em nuvens alvacentas!
E morreu como morre a fria tarde
Em nuvens pardacentas !

Hoje, triste cadaver veneravel
Na campa respeitada :
Pharol que já brilhou !—E' facho extinto,
Alampada apagada !!!

IV

E morreu um homem tal ? !
Era da charidade um ornamento,
Nas pias acções sempre exemplar .
O nome que deixou um lusimento ! !

Morto !. Eil-o na campa ,
O homem tão respeitado !
Era piedoso — clemente
Era um ser divinizado !
Ouvia do infeliz clamores
Dissipava as suas dores !

A infelliz desvallida,
O homem sem protecção,
Tinham um abrigo certo
No seu pio coração !
Era o homem piedoso
Todo mizericordiozo !

Não cansava no lidar
 Só á prol da humanidade,
 Ganhando por isso o nome
 DO HOMEM DA CHARIDADE !
 E elle tinha o brasão
 De ter pio o coração !

A vintena d'uma herança,
 Cedeu-a p'ra se criar,
 Um azylo onde meninas
 Se podessem educar !
 E levantou-se o monumento
 De um pio recolhimento !

Meninas pobres não orphãs,
 Tem ali educação ;
 De Santa Thereza a Casa
 E' delle mais um padrão,
 Que o homem não se cansava
 Em taes obras assaz luctava

.

E a morte ceifou arbusto
 No mundo tão levantado !
 E do lidar gloriozo
 Eil-o agora descansado ;
 Mas seus fructos de valôr
 Sò motivam nossa dôr !

No espaço não morre o nome
 Que piedoso assim fulgura,
 A fama que vôa ao Céu
 Cá no mundo sempre dura,
 Que um nome tão venerado
 Não póde ser olvidado !

Era o gigante cedro
 Caminhando glorioso,
 Atravez sempre dos tempos
 Florescente e virtuoso,
 Veio da morte o tufão
 Ail tambou no frio chão !

Mas eil-o prostado, não morto,
 Eil-o ainda venerado,
 Que o cedro por seu valor
 E' por todos respeitado.
 E ainda no athaude
 Se respeita san virtude !

Foi a brilhante estrella
 Negrume do Ceu rompendo,
 Grandiosa com seu brilho
 Aos astros todos vencendo !
 Correu... brilhou... se sumio
 Para sempre, eil-a, fugio ! !

Era o sol vertendo ao longe
 O mais assombrado clarão,
 Que doirava bronzeadas grymphas
 De rochas alto pegão!
 Veio a tormenta, morreu.
 Esse sol que floresceu!!

.

Morto! . . . Eil-o na campa
 O homem tão respeitado!
 Era o piedoso — Clemente
 Era um ser divinizado!
 Ouvia do infeliz clamores . . .
 Dissipava ás suas dores!!

O pranto trocava em riso,
 As magoas em alegria,
 As dores em esperança
 A noite no claro dia,
 Que ser homem piedoso
 Era brasão virtuoso

Por toda a parte um altar
 Se ergue com amizade,
 Para se orar pel'alma
 Dó Homem da Charidade,
 Do povo sempre adorade
 E na campa venerado!!

O Ceu invejou-lhe a gloria
Quiz tel-o ao lado de Deus,
Que para ter tal morada
Basta só os feitos seus;
E su'alma santa e pura
Goza do Ceu a ventura!!

.

Morto ! Eil-o na campa
O homem tão respeitado !
Era piedoso, — clemente,
Era um ser divinizado.
E su'alma santa e pura
Goza do Ceu a ventura !!



V

O marmor do sepulchro immoto é sempre,
Nem a lagrma quente da saudade
Derrete o gello que te-esfria o corpo,
Nem desmaia os setins d'austera morte:
—Sella o mysterio a lapida do tumulo,
E o martyrio da vida é sempre um sonho
De illuções branqueado!

(J. B. de A. e Silva.)

Eis-te agora, minh'alma ! Como a Iyra
Do vate que infeliz do berço á campa,
Só gemeu, suspirou, e em mar de prantos
O canto esvaeceu ! Eis-te minh'alma,
Como a pallida rosa emmurchecida,
Pendida sobre as aguas, na corrente
A perder seu odor ! Eis-te com ella,
Nas revoltas procellas da existencia
A soltar os gemidos solitarios,
Que do mundo furente nem conhecem
O echo taciturno dos rochedos !

Penetremos agora o pavoroso
 Jardim da negra morte! Sobre o leito
 Do constante sonhar, do somno eterno,
 Uma lagrima de dor, uma saudade,
 Funereo pensamento, eia votemos!

Que tens que na minh'alma dilaceras
 As cordas do pungir, atra lembrança?
 Como agudo punhal em peito incauto
 Constante a revolver a chaga occulta
 Que o sangue do martyrio occulta verte!

Poder que a tyrania, não, não teve,
 Teve a santa amizade em morte d'elle!
 E me fazes volver de em torno a lousa
 Buscando inda um sorrir, um som amigo,
 Uma vida p'ra elle, e vendo a morte!
 Oh! baldada esperanza! Tambem gyra
 Da luz em torno, mariposa incauta
 E morre como morre esta esperanza
 Que o facho da existencia accender busca!

Quem tão mal te vestio oh! negra morte!
 De aspecto furibundo olhar sinistro,
 De horrenda catadura, e feia image?
 E no mundo lançou-te, eo poderio
 Te deu d'irrevogavel, tão temivel?
 Foi o crime dos homens, foi a culpa,
 Sellada com as lagrimas doridas
 De muitas gerações! Oh! negra morte
 Nem poupastes aquelle que por Deos
 Foi á terra enviado em seus decretos!

• • • • •

Que vejo sobre a relva humedecida
 Em noite de pezar? Figura humana
 Alvejando ao luar como um phantasma
 Em torno do sepulchro mortuario!
 E chora! E desditosa se arremessa,
 Sobre a lapida fria, entre soluços!

E' filha desvallida, é orphan triste
 Que chora o protector da morte em braços!

Unamo-nos em dôr, choremos juntos
 Por elle, minha irman! Um carne triste
 Enviemos á Deus. Une a desgraça
 Um ser á outro ser, a mesma pena
 Nivéla os corações. Eia, choremos!
 Que o pranto do sincero a' Deos agrada.

Que esperas, infeliz, é surdo o morto
 Os olhos cegos são, e si conserva
 Ainda a voz amiga, é só a morte
 Eos genios do sepulchro que a percebem!
 Oh! dor! Oh! negra dôr! Irman, partamos
 Que sobre a cruz sombria ja pernoita
 Cançada de gemer, ave sinistra.



VI

Vinha do Templo do Senhor,
Como fiel Christão,
De seguir o Redemptor! !...

E ainda em sua nobre missão
Foi parte da noute consumir,
Que da Santa Caza o porvir
Era todo o seu amor!
E neste santo fervor
Elle foi á sepultura! !...

.

Já não vive o heroe da piedade
O amigo fiel d'um Povo Illustre!
Tão piedozo, cumprio uma missão,
Sustentou-a, de renome cheio,
E cumprida que foi eil-o cahido —
Gigante! n'um sepulchro!!

Era pó — desmoronado tudo,
A Piedade não tinha um templo;
Elle luta — outro David contra Golias —
E cahio o nada o pó se levantando,
Erguendo-se os azylos da pobreza
Que á sua voz surgiram!

E era um lidador constante e forte
 Vencendo o tempo, trabalhando afouto,
 Elevando esses gigantes collossaes,
 Encarado no porvir da humanidade!
 E morreu, e de todos tem o pranto
 Na c'roa de seu tumulo!!

Homem do trabalho — era christão
 E p'ra gloria do SENHOR tambem lidou!
 E na campa dos finados elle cahio
 Quando vinha de seguir ao Redemptor
 Nos seus passos crueis — amargurados
 Pelas ruas d'agonia!!...

E elle pensava em Deus quando o seguia,
 Pelas ruas da cidade em procissão;
 E elle pensava em Deus quando de volta
 Novos planos traçava, descrevendo
 Ainda novos bens e beneficios
 Para a sua Santa Caza!!!...

E desceu á sepultura humanisado
 Na santa devoção e piedade!!
 E a humanidade choroza não se esquece
 Que era o homem seu — JOSÉ CLEMENTE
 Que soccorria os infelizes, mittigando
 As suas dôres!!!...

É ora dormé na campa ! os alaúdes
 Em tristes sons choram seus manés !
 Que o nome que no mundo elle deixou
 Bem custoso será ser igualado!...
 Por toda a parte luto e dó! — por elle chora
 Toda a humanidade ! !



VII

Mais um pungir,
Mais um canticó de lagrimas ardentes,
Oh! minh' harpa, oh! minha harpa desditosa !

(*Gonsalves Dias.*)

Inda mais uma vez , lyra , contigo
Quero o pranto verter sobre o sepulchro
Immoto ás tempestades!
Inda mais uma vez, perdido amigo,
Vou mudar-te a grinalda emmurchecida
De goivos e saudades.

Inda mais uma vez ! E depois della
Em martyrio cruel — meti triste adeos,
A dor, a desventura !
Dorme somno de paz : a noite é bella,
E silencio horroroso não perturba
Dormir da sepultura.

Aqui, a Santa Cruz estende os braços,
E nelles vem pousar o negro mocho
Cruel e zombeteiro !

E não inceta a cruz esses abraços
Esperando que o morto alfim desperte
Do somno derradeiro.

Aqui almo cypreste, eólo inclina
Sobre immoto sepulchro, a grimpa altiva
No sancto lenho agrario ;
Mas em vez delle apenas a bonina
Vai cahir sobre a lapida já fria
A' cumprir seu fadario !

Aqui, em tudo quanto em torno vejo
Do sepulchro fatal, somente existe
A fria indifferença !
Nem a brisa fiel, em doce adejo
Mormura-lhe canções d'uma existencia,
— Segredos d'uma crença !

Frio gêlo de morte acerca o morto,
Como o gelido mar penhasco inerte
Tão só ! — adormecido.
Nem se quer d'esperança em aereo porto
Brilha ingente pharol, como a fé viva
No templo mais querido !

Somente o vate triste, — taciturno,
 Volvido para a lousa mortuaria
 Que sempre em dor procura !
 Assim como procura astro diurno
 Constante gira-sol, até perdê-lo
 Em adcozes de tristura.

E dormes, meu amigo, e não despertas
 A' o som destes suspiros que me pungem
 No triste, afflicto peito !...
 Nem se quer dos finados tu me offertas
 Em signal d'amizade, a flor já murcha :
 Dormida no teu leito ?...

Dorme somno de paz ! A noite é bella :
 Aqui eu velarei teu triste somno
 Solitario — contigo !
 Oh! que pouco estarei ! Já brilha aquella
 Aurora, que debalde hade sorrir-se
 Alegre á teu jazigo !

Dorme somno de paz, Varão preclaro
 Constante lidador que á bem lidaste
 Da triste humanidade !
 Dorme somno de paz, que o pranto amaro
 Que a jorros de meus olhos se descambam
 O vêrto por saudade !

Dorme. . . . Mas é tarde : o sol, amigo,
 Estende já festivo á teu sepulchro
 Os bellos raios seos ;
 Amanhan, solitario á teu jazigo
 Hei de vir infeliz, em horas mortas
 Rogar por ti a Deos !

Amigo ! protector ! pai da orphandade !
 Não te esqueças no somno dos finados
 D'aquelles que te amaram !
 E lá nessa Manção da Eternidade,
 Reccebe os ais, o pranto, a dor, o lucto
 D'aquelles que ficaram !

FINIS.

LISTA

*Das pessoas que subscreveram para a
publicação desta obra.*



MINISTROS DE ESTADO

Os EXMS. SRs. CONSELHEIROS

Visconde de Paraná.
Luiz Pedreira do Couto Ferraz.
José Maria da Silva Paranhos.
Pedro de Alcantara Bellegarde.
Antonio Paulino Limpo de Abreu.
José Thomaz Nabuco de Araujo.

| OS ILLM ^s . E EXMS. SRs. | EXEMPS. |
|---|---------|
| Bispo, Conde, Capellão-Mór. | 2 |
| Cons. ^o Euzebio de Q. C. M. Camara. | 10 |
| Cons. ^o Candido J. de Araujo Vianna. | 2 |
| Chefe de Policia Dr. José Mattoso de Andrade Camara. | 5 |
| Cons. ^o João Baptista Morcira. | 2 |
| Commendador L. A. F. de Almeida. | 1 |
| J. Hellodoro Gomes dos Santos. | 2 |
| Commendador M. Gomes Ferreira. | 2 |
| Manoel Cornelio dos Santos Junior. | 15 |
| Barão da Villa-Nova do Minho. | 1 |
| João Pedro da Veiga. | 2 |

| | |
|--|---|
| Dr. T. José Pinto de Serqueira. | 1 |
| J. A. Campos. | 1 |
| Tenente coronel J. R. da S. Leão. | 1 |
| Joaquim Augusto da Cunha Porto. | 1 |
| Dr. Candido José Cardoso | 1 |
| Comm. ^{or} J. B. Lopes Gonsalves. | 1 |
| Barão de S. Gonsalo. | 2 |
| Commendador J. Maria do Amaral. | 1 |
| Dr. F. J. de Canto e Mello. | 1 |
| Commendador L. A. S. Guimarães. | 1 |
| Izidoro J. M. Pamplona Corte-Real. | 1 |
| Miguel de Avellar. | 1 |
| Antonio Affonso Vellado. | 1 |
| Antonio José da Costa Machado. | 1 |
| Tocha & Lage. | 1 |
| A. de Freitas Guimarães e C. ^a | 1 |
| José Francisco do Amaral Costa. | 1 |
| Segismundo Antonio Pinto. | 1 |
| Dr. Carlos Antonio Cordeiro. | 1 |
| Claudio Manoel Ribeiro Junior. | 1 |
| Agostinho Pereira da Cunha Junior. | 1 |
| Antonio José dos Santos Neves. | 2 |
| Jeronymo Pereira do Lago. | 1 |
| Barão de Ypanema. | 1 |
| Visconde de Condeixa. | 1 |
| Barão de Bomfim. | 1 |
| Manoel Joaquim Gonsalves. | 1 |
| Fernando Ant. ^o Guimarães de Lemos. | 1 |
| Major Guilherme de Suikoz. | 2 |
| Manoel Martins Marinhas. | 1 |
| José da Silva Souza Braga. | 1 |
| Francisco Luiz Goitacaz. | 1 |
| D. Candida A. da Nobrega Quintana. | 1 |

| | |
|---|---|
| D. Gervazia N. P. dos Santos Neves. | 1 |
| D. Balbina Maria Xavier Genelli. | 1 |
| José Antonio Gomes Brandão. | 1 |
| Comm. ^{or} Jeronymo J. de Mesquita. | 1 |
| Dr. João Manoel Pereira da Silva. | 2 |
| Salgado & Filho. | 2 |
| Rodrigo Navarro de Andrade. | 1 |
| Ignacio da S. Amaral. | 1 |
| José Maria de Mello. | 1 |
| Francisco Candido da Fonseca Brito. | 1 |
| Marquez de Caxias. | 1 |
| Commendador José F. de Campos. | 1 |
| Francisco José de Mello e Souza. | 2 |
| Dr. João de Oliveira Fausto. | 1 |
| Antonio Alves da Silva Pinto. | 1 |
| B. X. Pinto de Souza. | 1 |
| Commendador Irineo E. de Souza. | 2 |
| Cons. ^o Mordomo J. M. V. da Silva. | 1 |
| Fr. Antonio do Coração de Maria. | 1 |
| Fr. Theotônio de Santa Emiliania. | 1 |
| Barão da Guaratiba. | 1 |
| Visconde de Abrantes. | 1 |
| Visconde de Baependy. | 1 |
| Marquez de Itanhaem. | 1 |
| Marquez de Valença. | 1 |
| Conde de Iguassù. | 1 |
| Visconde de Mont'Alegre. | 1 |
| Viscondessa de Olinda. | 1 |
| Commendador F. J. da Rocha Filho. | 1 |
| Cons. ^o de Est. ^o Paulino J. S. de S. | 1 |
| Cons. ^o José Martins da Cruz Jubim. | 1 |
| Dr. Francisco de Paula Candido. | 1 |
| Dr. José Mauricio Nunes Garcia. | 1 |

| | |
|-------------------------------------|---|
| Dr. José Bento da Rosa. | 1 |
| Dr. Joaquim José da Silva. | 1 |
| Dr. João José de Carvalho. | 1 |
| Barão de Alegrete. | 1 |
| Cons.º João Pereira Darrigue Faro. | 1 |
| Nicoláo A. Nogueira Valle da Gama. | 1 |
| Dr. Candido Borges Monteiro. | 1 |
| Dr. Luiz da Cunha Feijó. | 1 |
| Cons.º José A. de Siqueira e Silva. | 1 |
| Dez.º B. Belisario Soáres de Souza. | 1 |
| Dez.º Antonio R. Fernandes Braga. | 1 |
| Dez.º José Ignacio Vaz Vieira. | 1 |
| Tenente Coronel A. J. de Carvalho. | 1 |
| Cons.º Angelo M. da Silva Ferraz | 1 |
| Antonio João Morin. | 1 |
| Dr. J. Manoel Gaspar de Almeida. | 1 |
| Chefe de Divisão J. José Ignacio. | 1 |
| Dr. Antonio da Costa. | 1 |
| Comm.º o Dr. A.M. Leite Castro. | 1 |
| Comm.º Balthazar J. de Abrêo Souza. | 1 |
| Domingos J. de Freitas Albuquerque. | 1 |
| Henrique de Almeida Regadas. | 1 |
| Comm.º João Pereira de Andrade. | 1 |
| Antonio Severino da Costa. | 1 |
| Dr. João Caldas Vianna. | 1 |
| D. Abbade de S. Bento. | 5 |
| Padre L. A. Ferreira da Cunha. | 1 |
| Padre Mattos Pinto. | 1 |
| Padre Pereira da Cunha. | 1 |
| Provincial do Convento do Carmo. | 2 |
| Dr. João de Siqueira Queiroz. | 2 |
| Dr. Luiz Augusto Pinto. | 1 |
| Dr. José Marianno da Silva. | 1 |

| | |
|--|---|
| Dr. José Pedro Carlos da Fonseca. | 1 |
| Dr. José de Sá Carvalho. | 1 |
| Dr. J. M. Alves de Azevedo. | 1 |
| Antonio Tertuliano dos Santos. | 1 |
| Diogo José Leite Guimarães. | 1 |
| D. Antonio de Saldanha da Gama. | 1 |
| João Vicente Martins. | 1 |
| D. José Antonio Freire de Andrade. | 1 |
| José Joaquim de Freitas Filho. | 1 |
| Jeronymo Francisco Chaves. | 1 |
| Comm. ^{or} Joaquim Antonio Caminha. | 1 |
| Felecissimo da Costa Gomes. | 1 |
| José Joaquim Candido Pereira. | 1 |
| Hermenegildo Antonio Caminha. | 1 |
| Francisco Martins Bayão. | 1 |
| José Antonio da Fonseca Lessa. | 1 |
| Francisco Bibiano de Sá. | 1 |
| Jacinto Bernardo Miguel Canello. | 1 |
| Julião José de Castilho. | 1 |
| José Maria Emiliano Torres. | 1 |
| João Luiz de Oliveira. | 1 |
| Antonio Rogerio dos Reis. | 1 |
| João Laurentino da Silva Mattos. | 1 |
| Luiz Q. Murat. | 1 |
| José Bonifacio Rogerio. | 1 |
| Manoel José da Silva Pinto. | 1 |
| Francisco José de Carvalho Rocha. | 1 |
| Manoel José de Paiva. | 1 |
| V. F. de Aguiar Leitão. | 1 |
| A. Pedro de Queiroz Ferreira. | 1 |
| João Francisco Pereira de Oliveira. | 1 |
| Joaquim José de Sant'Anna. | 1 |
| Dr. Antonio F. Pereira Portugal | 1 |

| | |
|-------------------------------------|---|
| A. B. de Vassimon. | 1 |
| José Lauriano Pedra Fortes. | 1 |
| João Climaco Ramos. | 1 |
| José Martins. | 1 |
| Antonio Fernandes da Silva Leite. | 1 |
| Adolfo Innocencio de Sá Monteiro. | 1 |
| Zeferino Marcondes de Andrade. | 1 |
| Francisco Fernandes da Silva Leite. | 1 |
| Manoel Joaquim Bernardes. | 1 |
| Miguel de Castilho. | 1 |
| Antonio Machado Evangelho. | 1 |
| Antonio Ferreira Pinheiro. | 1 |
| Oscar Hugo. | 1 |
| Jacinto José de Araujo. | 1 |
| Padre José Martins do Rego. | 4 |
| Cezario José de Barros. | 1 |
| Antonio João da Silva Lins. | 1 |
| José Lopes. | 1 |
| Jesuino da Costa Brum. | 1 |
| Joaquim José. | 1 |
| Manoel A. Hermida da Rocha. | 1 |
| Manoel Gonsalves. | 1 |
| Francisco Nicoláo dos Santos. | 1 |
| Joaquim Pedro de Alcantara. | 1 |
| Francisco Ferreira Leal. | 1 |
| Jacob Wallstein. | 1 |
| Francisco Salgado. | 1 |
| Vicente de Souza Coelho. | 1 |
| Dr. Lallemand. | 1 |
| Dr. L. Corrêa de Azevedo. | 1 |
| Dr. F. X. da Veiga. | 1 |
| Dr. J. T. S. Azambuja. | 1 |
| Commendador J. B. M. Caruncho. | 1 |

| | |
|-------------------------------------|---|
| Manoel José Pinto Guimarães. | 1 |
| Antonio Caetano da Silva. | 1 |
| José Maria Pinto Guimarães. | 1 |
| Advogado A. P. Rebouças. | 1 |
| José Alves Carneiro. | 1 |
| Antonio Maximiano Morando. | 1 |
| Francisco Borges Xavier de Lima. | 1 |
| Bernardino de Souza Pinto. | 1 |
| Manoel Affonso da Silva Lima, | 1 |
| Manoel Machado Coelho Junior. | 1 |
| José da Rosa Salgado. | 1 |
| Cons.º J. J. Rodrigues Torres. | 1 |
| Zebedeo Jacomo Tasso. | 1 |
| Dr.º R. J. Hadock Lobo. | 1 |
| Dr. A. J. Gonsalves Fontes. | 1 |
| Dr. Francisco Lopes da Cunha. | 1 |
| Barão da Estrella. | 1 |
| Dr. Izidro Borges Monteiro. | 1 |
| Franc.º Lopes do Nascimento Junior. | 1 |
| Luiz José Furtado de Mendonça. | 1 |
| M. A. Silva Mafra. | 1 |
| Manoel Olegario Abranches. | 1 |
| Antonio Affonso Dias. | 1 |

N. B. *Seguem-se mais pessoas, que pela pressa de se publicar o presente folheto não se pôde aqui incluir por não se ter recebido em tempo todas as listas.*

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).